Ano IV—(N.º avulso 30 cts).— N.º 302

Publicação periodica ás quartas feiras e sábados

Redacção, Administração e Oficinas: Tipografia Fernando Marinho—BARCELOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA «A OPINIÃO»

A OPINIÃO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

Director e editor MANOEL MARINHO

Sábado, 8 de Março de 1930

PREÇO DE ASSINATURAS

POR ANO

Barcelos.. ... ... 24$00
Provincia. ... ... 25$00
Estrangeiro... ... 50$00

Avençado

O centenario de João de Deus

Comemora-se amanhã, domingo, dia 9, o primeiro centenario do nascimento do grande poeta João de Deus, o maior lirico português de todos os tempos.

Seria oportuna a ocasião para falar da sua obra, do seu formosissimo *Campo de Flores*, mas não é isso que deve interessar os leitores dum jornal que não tem caracter literario e que precisa de se aventurar nos meandros da politica.

Mas como enquadrar nos dominios da politica um homem que só viveu para a poesia, passando toda a existencia a entoar trovas e a modular cantares, como os antigos menestreis?

E' tarefa dificil, sem duvida, mas que talvez se possa vencer, com certo geito.

João de Deus, a-pesar de mais velho, conviveu ainda em Coimbra com outros gigantes como Antero de Quental e Vieira de Castro, dois grandes espiritos verdadeiramente revolucionarios.

As ideias politicas, religiosas e filosoficas de Antero são bem conhecidas e ninguem poderá negar a sua profunda inclinação para a Democracia, então ainda balbuciante, mas que êle acalentou em tantos dos seus escritos. Basta citar esta passagem duma das suas cartas.

«...Nós outros, os excomungados, quando nos expulsam da Igreja, temos a consolação de encontrar á porta o cristianismo, o que nos abre o seio para nele escondermos a cabeça carregada de duvidas, magoada de incertezas e dores sem conta.

Ficam-se os sacerdotes e os eleitos da Fé com os seus templos, os seus altares, a sua consideração e as suas prebendas, nós com Jesus Cristo.

Não tendo já direito de ver e amar a Deus na pedra das aras, na letra gotica dos missais, ou na penumbra dos confessionarios, soletramos o Evangelho nos olhos dos tristes; e palpamos o vasto coração do Nazareno dentro dos peitos que as tristezas da terra encheram das infinitas esperanças do ceu.»

Vieira de Castro, cuja vida teve um desenlace tam doloroso e tragico, e que é considerado o maior orador do seu tempo, foi como estudante sempre um insubmisso, um revoltado.

Expulso da Universidade, quando regressou, ao fim do castigo, não tardou a cair novamente nas iras dum reitor retrogrado e despotico, Basilio Alberto de Sousa Pinto.

Dera este ordens terminantes para que os estudantes usassem trajo a rigor, isto é, a batina completamente abetoada, o sapato e meia, o cabeção e volta.

Vieira de Castro apresentou-se um dia na Universidade de calça caida sobre umas botas de elasticos com gaspeados de verniz. Pavoroso escandolo! Chamado á ordem pelo guarda-mór, atirou-lhe á cara com a frase atribuida a Cambrone. Intimado a ir á presença do reitor, recusou-se.

Forma-se logo processo academico e o *criminoso* das botas de elasticos é expulso pela segunda vez, como reincidente e riscado para sempre da Universidade. Era a *pena de morte academica.*

Toda a Academia, todos os grandes das letras de Portugal, ao tempo, desde Alexandre Herculano a Antonio Rodrigues Sampaio intercederam junto do rei para que lhe fosse perdoado o castigo.

Mas o famoso Fontes Pereira de Melo, que era então ministro do reino, aconselhou o generoso D. Afonso V a que negasse o indulto.

A academia ficou indignada. Passado um ano, porém, D. Pedro V resolveu ir de visita a Coimbra com seus irmãos D. Luís e D. João.

Belo ensejo para alguns feriados!

Mas, para os conseguirem, os estudantes tinham de ir cumprimentar o rei. Reune uma assembleia geral no teatro Academico, para apreciar o caso. Tudo se discutiu, menos o assunto. Na segunda assembleia aconteceu o mesmo. Na terceira alguma coisa era preciso resolver, e assim se fez sendo nomeada uma comissão para cumprimentar o rei, a titulo de lhe fazer os seguintes pedidos:

1.º—Abolição da capa e batina, que era trajo jesuítico.

2.º—Abolição do fôro academico e concessão das garantias do fôro comum.

Estava tudo aprovado, e ia a assembleia para ser encerrada quando João de Deus, que assistia dum camarote de primeira, por uma dessas distrações que eram nele habituais, se levantou e pediu a palavra.

Uma grande ovação ao poeta.

Viva João de Deus! Viva o nosso João!

E João de Deus começou a dizer em verso o que teria dito como orador, lendo uma satira que escrevera nesse momento.

Dessa satira, intitulada *A Deputação*, apenas se conservam alguns versos, e entre êles os seguintes:

Ouvi, infancia epidemica,
as tristes vozes do bardo,
que resolve um papel pardo
gritar contra a pepineira!

Teve lugar a terceira
das assembleias gerais,
e ouça o Mondego os meus ais,
porque em verdade, oh vergonha!

Pois enquanto na Gasconha
se estão nivelando os tronos,
quere esta sucia de mônos,
preparar real bexiga!

E, em verdade, que o diga
o Albuquerque, que é fino,
p'ra pedir ao Deus-menino
a reforma da cadeia!

Mas, ó mancebos, que ideia
não farão de nós lá fóra,
ao saber que isso já agora
não é ao rei que pertence.

Para o que bastará só
da Carta do pai-avô
artigo 13 que diz:
julgar pertence ao juiz
e legislar à nação!

Poucos certamente devem conhecer esta feição democratica e, a bem dizer republicana, de João de Deus, censurando asperamente os «epidemicos» pela «real bexiga» que preparavam. E não se diga que era um rapaz. Isto passou-se em 1860 e João de Deus estava formado havia um ano.

Como ninguem encara, com certeza, o poeta sob esta sua feição politica, comemoremos nós assim o centenario do nascimento dum dos primeiros republicanos que honrou em nosso país.

Propaganda republicana

Por motivos imprevistos, e que são do conhecimento de todos, não se realiza já amanhã a anunciada sessão de propaganda republicana.

Fica, por isso, adiada para dia que se anunciará oportunamente.

Continua, porém, a inscrição de sócios para o Nucleo de Barcelos da Liga da Mocidade Republicana do Norte, devendo todos os esclarecimentos indispensaveis ser pedidos á Comissão Organizadora, cuja sede provisoria é na Rua D. Antonio Barroso n.º 160.

SOCIEDADE

Aniversarios

Passa amanhã, o da ex.ma senhora D. Noemia da Cunha Valongo de Albuquerque, esposa do sr. Antonio Cardosa de Albuquerque.

Na segunda-feira, dia 10, o do sr. Antonio Gomes de Sousa e o do menino Antonio Amadeu, filho do sr. Francisco Pereira de Araujo.

Regressou de Lisboa, a onde se encontrava desde meados do mês findo em passeio de estudo, o nosso amigo sr. Augusto Soucasaux.

—A passar os dias de festa de carnaval esteve aqui o nosso amigo e assinante sr. Alferes Augusto Cruz, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

—Visitou-nos em «A Opinião» o nosso amigo e assinante sr. Armando Pacheco, do Porto.

—Acaba de fixar novamente residencia nesta cidade, em virtude de a seu requerimento passar á situação de reformado, o nosso assinante e patricio sr. José Julio Alves Lima, digno 2.º sargento de infantaria.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Governador Civil

O «Diario do Governo», n.º 50, II serie, de 1 do corrente mês publica os seguintes despachos:

«Francisco Filipe dos Santos Caravana, capitão de engenharia, exonerado, a seu pedido, do cargo de governador civil do distrito de Braga, que exerceu com zelo, dedicação e patriotismo».

«Dr. Alberto Cruz, medico, exonerado, a seu pedido, do cargo de governardor civil substituto do distrito de Braga, que exerceu com zelo, dedicação e patriotismo».

Seára Alheia

Marques Guedes, no artigo do «Janeiro» de quarta-feira:

«Compreende-se que a tese agradasse aos monarquicos, que tendo feito uma gerencia de mais de 80 anos de imprevidencias e de desvarios, têm o topete de se arrogarem agora em julgadores dos que atravessaram a maior crise economica e financeira de todos os tempos.»

De «A Voz da Justiça», de sábado passado:

«A exclamação é do jornal de «Nemo», que, servindo-se duma folha italiana, vem jubilosamente anunciar, em negros tipos, que em França se pensa em modificar o regime parlamentar e se estuda o regime ditatorial.

Descancem o «Nemo» e a sua gente. A França é uma nação democratica, onde não conseguem vingar quaisquer ataques á liberdade. Os defeitos do Parlamento procurará corrigi-los no sentido de aperfeiçoar a sua vida politica, e não praticará o êrro de agravá-la com soluções inconvenientes.

O que é, sobretudo, ridiculo, é atribuir êste pretenso *novo estado de espirito* da politica francesa á estada em Paris de Primo de Rivera.»

MARE-ALTA

Das Ligas da Mocidade

Por pequenos rumores que até a mim têm chegado—principalmente vindos dos sectores *reaccionários*---afigura-se-me que muita gente toma a fundação das Ligas da Mocidade Republicana como simples reacção ao momento que passa. ¡E, todavia, nada há mais falho de conhecimento e de observação!

Não curando mesmo de saber a soma de ideologia—e de necessidade—que preside a tamanha expansão, os órgãos do conservantismo clerical bradam para aí como possessos, em frases roufenhas de cantochão, como se as aspirações da mocidade de hoje coubessem numa caixa de rapé *D. João V.*

Alongando um pouco as vistas para o nosso passado, vê-se, sem custo, que nunca houve grande cuidado com questões educativas, em geral. E não falando agora na educação, como direi, escolar mesmo a propaganda da República e a Democracia foram completamente—ia a dizer criminosamente—abandonadas.

A bem dizer, a ideologia republicana viveu durante os últimos anos apenas do fulgor dos tempos da propaganda. Porque os homens se embrenharam demasiado, forçoso é confessa-lo, em lutas estéreis, depois, certo é que só agora, mirando o campo percorrido, se tem a noção exacta e precisa da aridez ideológica e cultural.

A fundação das ligas não podia, pois, sem trair um pouco de senso analítico que ainda há nesta terra, fugir a necessidades espirituais de várias ordens.

Alheadas completamente de qualquer política de seita ou partido, a sua função consiste sòmente, adentro dos princípios modernos e liberais, em dar à mocidade—pela expansão do livro, da conferência, do jornal—um grau de conhecimentos capaz duma relativa compreensão dos deveres cívicos, numa sociedade civilizada.

Tem-se dito, e é já lugar comum, que nunca, nem os Govêrnos nem as *élites* intelectuais, desceram, *das suas tòrres,* a perscrutar as tendências ou aspirações dos novos. Por assim dizer, ou por falta de compreensão ou de tempo—¡que algum se gastou em palavriado ôco de café!—as classes dirigentes viveram apenas a estreiteza do presente, sem um vislumbre, sequer, do dia de amanhã.

E daí, quem sabe?—porque as camadas foram sucedendo sem prévia e cuidada preparação devidamente controlada, sem espirito de continuidade — talvez venha a causa da repetição dos mesmos erros, o desequilibrio

(Continua na 2.ª pagina)

CINEMA

Sempre no desejo de bem servir o publico a Sociedade Cinematografica faz amanhã exibir no ecran do nosso Teatro o monumental super-filme CASANOVA, interpretado pelo célebre actor russo Ivan Mosjoukine.

CASANOVA—E' a grandiosa evocação de aventuras de Giacomo Casanova de Seingal é uma reconstituição formidavel e aparatosa de Veneza de 1760, ao tempo da decadencia da Republica Veneziana.

*

No dia 13 do corrente tambem é exibida no nosso Teatro a Super-Produção russa «Os Servos», magnifico filme onde perpassa a vida dos emigrados russos.

Faz parte tambem desta sessão, em consequencia do desejo de enumeros frequentadores do cinema, a excelente orquestra «Vicioso», de Braga.

*

Em 15 e 16 do corrente—*JOSÉ DO TELHADO*, o grandioso filme português.

Em virtude da grande procura de bilhetes a Sociedade Cinematografica para que ninguem deixe de assistir á exibição deste extraordinarissimo filme, conseguiu da Empreza productora a concessão do mesmo para duas sessões.

"A Opinião,,

Conforme os mais anos, não se publicou na quarta-feira passada o nosso bi-semanario em virtude de o nosso pessoal gráfico, à medida do que se faz tambem em todo o país, guardar o dia de terça-feira (carnaval).

BRINDE

Do nosso amigo sr. João Miranda, hábil e digno correspondente nesta cidade da importante Sociedade Comercial Philips Portuguesa, com sede em Lisboa, uma das primeiras se não a unica mais acreditada em todos os mercados da Europa, como produtora de todos os artigos *Philips*, recebemos um pratico e lindo calendario para 1930, oferta esta que penhorados agradecemos.

"A Montanha,,

O nosso presado colega do Porto, «A Montanha», passou com o seu último numero, o qual era dedicado ao *sport*, mais um aniversário.

Cumprimentando-o afectuosamente, desejamos-lhe uma longa vida.

Uma transcrição

O artigo que inserimos neste numero, intitulado «Maré alta» e assinado pelo distinto colaborador do nosso colega «A Voz da Justiça», sr. Manuel Monteiro, recomendamo-lo aos nossos leitores. A doutrina nele exposta é aquela mesma que nós tantas e tantas vezes aqui temos demonstrado.

Maré-Alta

(Continuado da 1.ª pág.)

politico, a falta de arranjo educativo, que, aí de nós, é um mal que se vai mostrando incurável.

Não falando de épocas anteriores, quando já os outros povos europeus estabeleceram as bases da sua educação geral, na última centena de anos, entre nós, a par da sistemática ignorância a que nos votaram, tôda a nossa vida política-social vive de saltos bruscos, de jogos de empurra, de critérios opostos, que nos marcaram *um tipo curioso*, dentro do conceito europeu.

Isolados na tacanhez do nosso ambiente, os *mandões* movendo-se exclusivamente no círculo da chicana burocrático-eleitoral, esta massa de miopes que se estende desde o Algarve ao Minho—e Além-mar—só tardiamente, pela voz duns tantos rebeldes, acordou estremunhada, a estrebuchar.

A barreira dos Pirineus foi abatendo a pouco e pouco, mas urge que desapareça de todo.

Com subido interêsse vi há dias—diga-se a propósito—numa revista há pouco aparecida em Espanha, que um grupo de novos prega lá, na mesma ordem de ideas. ¡Por certo, algumas causas são comuns!

A educação social e cívica, neste rincão florido, tem ido pouco além dêste anexim: «meter os dedos no nariz é porcaria». Prevalece, como consequência, a distinção de decorar as regras de etiqueta catalogadas pela condessa de Gensé.

Porque temos um passado bastante copioso, infelizmente, em insensatês e desequilibrio, forçoso se torna, pois, que os novos procurem orientação noutro sentido.

E para isso, acima de tudo, é preciso que façam uma cultura geral apropriada, que permutem e controlem as suas impressões de forma a criar um espírito de tolerância e de continuïdade que não existem.

A vida portuguesa, por uma negação que não se compreende bem, tem vivido estùpidamente amarrada a seitas e igrejinhas, a questiúnculas de regedoria, que além de nos marcarem um nível mental inferior, ainda por cima desmantelam a unidade que requerem as questões vitais duma nacionalidade moderna.

As Ligas da Mocidade Republicana, posta a vida portuguesa em face da Europa civilizada e instruída, têm, de facto, um papel importante a desempenhar, e correspondem a uma necessária e urgente actualidade.

Os novos, a quem alguns homens maduros e experientes não vão, decerto, negar o seu concurso valioso, desejam ardentemente contribuir para um futuro melhor, mais regular na arrumação económico-produtiva, mais assente no conceito político, educativo e moral.

Só com uma preparação condigna e apropriada, doseando uma cultura europeia com o contacto das realidades, as gerações novas estarão aptas a desempenhar, *quando lhes couber*, o seu papel na vida pública da nacionalidade.

E só assim poderemos mostrar ao mundo que ainda temos consciência e energia—que bondam para readquirir o lugar que perdemos na História da Civilização.

Manuel Monteiro

Jantar de despedida

Por motivo da retirada para a Póvoa de Lanhoso do Sr. José da Silva Peixoto, realizou-se no dia 2, no Hotel Central, um jantar de despedida, promovido por um grupo de amigos, que decorreu entre a maior animação.

O Sr. José Peixoto, que desde longos anos era empregado comercial nesta cidade, contava inumeros amigos, e era muito estimado pela nobreza do seu caracter e pela sua leal camaradagem. Como membro da Direcção da «Associação de Classe dos Empregados no Comercio» desempenhava actualmente o cargo de tesoureiro, com grande agrado de todos os associados, pela inexcedivel dedicação e zelo com que sempre cumpriu as suas atribuições.

O jantar, primorosamente servido, como é timbre do proprietario do Hotel Central, decorreu animadissimo, trocando-se ao toast brindes afectuosos, com justiça às belas qualidades do homenageado que, visivelmente comovido, agradeceu a manifestação com que o honraram os seus amigos ali presentes.

Ao Sr. José Peixoto desejamos as maiores felicidades de que é digno.

Ao jantar, assistiram os seguintes Srs.: Antonio da Cruz Pereira, Boaventura Vieira, Emilio Moreira, Domingos Gomes Ferreira, Manuel Coelho da Silva, Albino Adelino Miranda, Carlos Rebelo, Luiz Maria de Sousa, Domingos Saraiva, José Castro, José Fitas de Miranda, Antonio Gomes de Faria, Januario Vieira, Ilidio Cordeiro, Domingos Antonio de Figueiredo e Manuel Candido Gonçalves.

O novo Governador Civil de Braga

Por comunicação telefonica recebida em Braga, ante ontem, foi nomeado Governador Civil de Braga, o coronel do Estado Maior, sr. Alfredo Balduino Seabra.

Bodas de ouro

Da Associação de Socorros Mutuos Barcelinense recebemos o programa das festas comemorativas do seu 50 anos de existencia, a realisar no dia 23 do corrente.

Faz parte do programa:

A's 10 horas, na Egreja Paroquial de Barcelinhos, uma missa por alma dos socios falecidos. Em seguida e na mesma egreja benção do novo estandarte da Associação.

A's 15 horas será sortea do um brinde, que breveserá exposto ao publico, pelos subscritores que auxiliaram esta festa comemorativa.

A's 21 horas sessão solene, no edificio da Associação.

Durante todo esse dia ouvir-se ha uma banda de musica, que não só tocará em todos os numeros do programa, como tambem percorrerá esta cidade e Barcelinhos.

FARMACIAS ABERTAS

Amanhã estão de serviço permanente as farmacias Carlos Ramos, à rua Barjona de Freitas, e Alves de Faria, em Barcelinhos.

Logares a concurso

Deve ser publicado hoje, no «Diario do Governo», uma extensa lista de escolas primarias postas a concurso.

UMA CARTA

Desde o dia 12 do mês findo que temos em nosso poder a carta que abaixo damos publicidade, e a qual nos foi enviada com o respectivo pedido de publicação.

Não demos, porém, inserção a ela naquela data, e isso não seja reparado, pois senão fossem motivos de ordem particular de Redacção, aqui não nos era desagradavel tambem enumerar.

Publicando-a hoje, damos, assim, cumprimento ao nosso dever.

Eis a carta:

«Ultimamente, talvez devido à desorientação e falta de senso que lavra em todas as camadas, tem-se desenvolvido uma campanha odiosa e miseravel contra um parente meu que, apesar de todos os defeitos vale em inteligencia, educação e honra por todos os seus detractores juntos.

Mas admitir-se-hia que esses desiquilibrados saciassem as suas táras vingativas se não descessem á calúnia e ao anonimato para ferir pessoas indefesas que bem mereciam o respeito de todos.

Mas como a calma há de voltar e nada se faz sem tempo, aguardemos que o tempo nos diga de que lado está a razão.

E eu aguardaria, serenamente, esse momento se deversas pessoas não viessem irritante e insistentemente perguntar-me porque motivo não vae aquele meu primo a Barcelos, julgando talvez que é com medo dum tal Sr. Joaquim Gajo.

Ora eu julgo, que aquele cavalheiro é incapaz de se desafrontar seja com quem fôr, a não ser covardemente como o tem demonstrado.

E' para socegar esses *inocentes* que eu, bem contra vontade, afirmo e provo que o Sr. Gajo não beliscou sequer meu primo, e se este não vae a Barcelos é porque interesses de familia e de honra assim o impõem.

Bem bastava que o Sr. Gajo, tendo há tempos desempenhado um triste papel a quando dum pretenso conflito com aquele meu primo, papel que qualquer vadio regeitaria, ficasse satisfeito com o sucesso então alcançado e não viesse novamente incomodar quem *trabalha*, mostrando pelas tabernas o seu feitio de arroaceiro.

Barrozelas, 12-2-30.

José Afonso dos Santos.»

Um decreto importantissimo

Pelo ministerio da guerra foi para o «Diario do Governo» um decreto autorisando a reintegração no serviço dos militares abrangidos pelo D. 13.078, de 24 de Janeiro de 1927; os que foram reintegrados pelos Decretos 5172 e 5700 de 24 de fevereiro e 6 de maio de 1919; os que foram julgados incapazes do serviço no C. E. P. desde que provem ter pelo menos 3 meses de permanencia nas trincheiras; os que tenham sido condecorados com a Torre Espada, medalha de valor de Militar ou Cruz de Guerra por feitos em campanha; e ainda os que foram julgados incapazes em consequencia de ferimentos recebidos em França ou Africa desde que tenham esses ferimentos registados.

Ler e propagar a «Opinião» é dever de todo o bom republicano.

DR. NUNO SIMÕES

Convidado pelo Centro do Minho, do Rio de Janeiro, deve partir nos primeiros dias de Abril próximo para o Brasil o Ex.mo Sr. Dr. Nuno Simões.

Tem um significado especial a visita do categorisado estadista que pretende conhecer o Brasil e a situação dos nossos patricios ali residentes, como no seu numero de 4 de Janeiro p. findo o afirma «A Patria Portuguesa» esse admiravel orgão da Colonia Portuguesa no Brasil.

Leiámos, pois, o notavel artigo em referencia, porque resumi-lo seria tirar-lhe todo o seu extraordinario valor:

«E' esperado no próximo mês de Março (a pedido do ilustre visitante ficou a viagem adiada para Abril) convidado pelo Centro do Minho a visitar os portugueses no Brasil, o ilustre homem publico da nossa terra, Sr. Dr. Nuno Simões.

A vinda de S. Ex.ª não é um facto banal nem vai servir unicamente para uma troca de discursos mais ou menos calorosos, dos artigos de jornal e os safados tropos da nossa confraternização e do patriotismo da Colonia.

Dotado de um talento invulgar, de excepcionais faculdades de trabalho e de uma infatigavel curiosidade por tudo quando é util, estudioso como poucas individualidades politicas da nossa terra, o Sr. Dr. Nuno Simões, pretende conhecer o Brasil e a situação dos patricios aqui residentes, deseja fazer um inquerito consciencioso e amplo, documentar-se largamente neste meio fecundo e progressivo.

A sua viagem, portanto, não é um méro passeio, obrigado às sessões solenes e aos copos de agua do estilo, e muito menos um pretexto para editar livros encomiasticos ou fomentar qualquer empresa de torna-viagem. E' a consequencia de um plano maduramente preparado e organizado, proprio de um patriota e de um politico esclarecido.

A Colonia portuguesa do Brasil, alem de ter ocasião de ouvir a palavra eloquente e sabia de um dos construtores do regime, de conhecer, através de os seus discursos, as directrizes da nossa politica e o impulso reformador que caracteriza o momento actual, terá a satisfação de verificar os resultados para a formação, no nosso país, de um juizo completo e seguro a nosso respeito, da investigação a que vai proceder, principalmente no campo economico, sua brilhante especialidade, o Sr. Dr. Nuno Simões. Terá, ao mesmo tempo, ensejo de prestar homenagem ao ministro e ao parlamentar honesto, que com tanta coragem e tão intéiramente soube triunfar da calunia facil com que em Portugal é velho costume inutilizar os dirigentes.

Estatistica oficial

Aviso aos interessados

Todas as sociedades ou empresas, quaisquer que sejam, são obrigadas a enviar á Direcção Geral de Estatistica os verbetes referentes ao ano de 1929, e até 15 de Abril uma cópia do balanço fechado em 31 de Dezembro de 1929. Os impressos apropriados são fornecidos durante o mês de Março nas repartições dependentes da Direcção Geral de Estatistica.

UM CESTO DE FRUTA

Tudo evoluciona neste mundo, não escapando a essa regra geral a linguagem noutros tempos usada nesta cidade que era muito pornografica. E mal das gentes se assim não fora. A palavra *Progredior* não se teria inventado, e seriamos agora o que foi o pai Adão. A historica palavra do grande heroe francês Cambrone, até essa! sofreu muito na sua fonetica. Quem tal diria?!

E' o caso que um nosso amigo sabendo pela leitura de «A Opinião», extracto da acta da sessão municipal, que fora mandada prestar os seus serviços ao publico a retrete subterranea das Barrocas, e querendo conhecer a grande vantagem que o municipio, no assunto, oferece aos cidadãos, foi ali, alugou pelo tempo preciso uma das divisões, e, no final, o guarda o amigo Eirogo, risonho, amavel e dispensando sorriso, entrega-lhe um papelinho para pagamento da taxa correspondente—$30—, não á utilidade imprescendivel dum vaso de noite, mas sim, ó supremo escarneo! A UM CESTO DE FRUTA!!...

Para peça de carnaval, visto que o que narramos se passou na tarde de domingo gordo do ano da graça de 1930, não está mal engendrada, mas não, com cousas sérias, como a nova designação linguistica, não se brinca. E' a verdade nua e crua.

Emfim, o homem ainda não desistiu de alcançar a maxima perfeição, e isso nos consola

Mas, perguntamos, como havemos de chamar d'agora para o futuro, a um autentico e legitimo CESTO DE FRUTA?

LOTARIA

Na extracção de sabado passado os premios maiores couberam aos seguintes numeros:

8783, 400 contos.
1600, 40 contos.
6169, 10 contos.

Dois contos cada — 109, 440, 1061. 2454. 2946, 3201. 4144, 4168, 4409. 5302, 5534, 5823, 6249, 6288, 6814, 7204, 7851, 8677 e 9456.

Dois contos cada — 60, 188. 420, 635, 555. 959, 1059, 1377 1607, 2034, 2514, 2595, 2807, 2852, 3355, 3380, 3661, 3837, 3902, 4355, 4956, 5168, 5220, 5624, 5690, 5748, 6137, 6817, 6662, 6685, 6919, 6923. 7349, 7781, 7886, 7810, 8050. 8126, 8201, 8279, 8519, 9029, 9511, 9563.

Aproximações, (2.700$00) 8782 e 8784. .

COMARCA de BARCELOS

Falecimento

Depois de um sofrimento doloroso, durante algumas semanas, faleceu nesta cidade, segunda feira passada, a sr.ª D. Benida Pontes, proprietaria, mãe e segra extremosa respectivamente dos nossos preclaros amigos srs. Manoel Fernandes Pontes e D. Domingos Marco.

O seu funeral realisou-se na terça-feira de manhã, com um acompanhamento grande, saindo o prestito funebre da Igreja da Misericordia para o Cemiterio Municipal.

Alem de outras entidades tomou parte no cortejo funebre um piquete dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos, que tambem conduziu na sua carreta o ataude.

A toda a familia de luto, e em especial áqueles dois nossos dedicados amigos, apresentamos os mais sentidos pesames.

PELOS TRIBUNAIS

Tribunal Civel de Barcelos

Audiencia de 7 de Março

Distribuição

Execução por letra

Exequente—Joaquim Pinto de Azevedo, desta cidade.

Executados—Domingos Luiz da Cunha, e outro, de Santa Eugenia de Rio Covo.

Ao 3.º oficio—Dr. Cardoso

*

Acção comercial

Autora—A Firma Comercial e Industrial Juan B. Domenech, Limitada, desta cidade.

Reus—Manoel José de Azevedo Brito e mulher, da freguesia de Gilmonde.

Ao 4.º oficio—Monteiro

Orfanologia

Inventario por falecimento de Antonio José da Silva, da freguesia de Perelhal.

Ao 1.º Oficio—Cardoso

*

Inventario por falecimento de Maria Fernandes Ferreira, da freguesia de Sequiade.

Ao 2.º Oficio—Rebelo da Silva

*

Inventario por falecimento de Aurelia Maria Mano, da freguesia de Vilar do Monte.

Ao 3.º Oficio—Dr. Cardoso

*

Inventario por falecimento de Rosa da Conceição Silva, da freguesia de Chavão.

Ao 4.º Oficio—Monteiro

Aferimento de pêsos e medidas

Por portaria publicada em 27 de Fevereiro findo foi designada a letra H para servir durante o periodo que decorre desde 1 de Abril de 1930 a 31 de Março de 1931, no aferimento de todos os pêsos, balanças, medidas e outros instrumentos, de pesar ou de medir.

AOS CONTRIBUINTES

Conforme as disposições do Decreto n.º 16:927, de 1 de Junho de 1929 nos artigos 5.º e 6.º e seus parágrafos, todos os estabelecimentos ou firmas regular ou mesmo irregularmente constituidas, têm de apresentar durante êste mês, na Repartição de Finanças deste concelho os "Verbetes de Sociedade,, devidamente preenchidos, com inclusão dos respectivos balanços referidos a 31 de Dezembro de 1929, como determina o artigo 137, da parte VIII (Disposições Gerais do Decreto 16:731—Reforma Tributária—de 13 de Abril de 1929).

Os impressos destes verbetes vendem-se na tesouraria da Fazenda Publica, e devem ser entregues, até ao fim do mês corrente, por todos os comerciantes e firmas em sociedade, porque, não o fazendo, ficam sujeitos a uma pesada multa.

—

Também até 28 do corrente devem ser pagos na Tesouraria da Fazenda Público todos os conhecimentos lá existentes, e que são:

Contribuição industrial, grupos A e C; imposto profissional e contribuição predial.

O que não for pago até ao dia mencionado é enviado ao respectivo tribunal das execuções fiscais para relaxe, que é bastante oneroso.

Que todos os interessados tenham isso em atenção

Como se pratica a RESINAGEM

Desde há muito que nos interessava, mesmo porque isso nos tinha sido pedido, dizer alguma coisa sobre a RESINAGEM dos pinheiros.

E nunca dissemos nada, confessamos, porque tinhamos receio de errar.

Fazemol-o hoje, com uma transcrição bem ilucidativa de «O Seculo», devendo nela os interessados encontrar todas as ilucidações necessarias e precisas.

«O conjunto de operações que tem por fim a colheita da resina ou gema dificilmente pode, ser resumido, senão por alguem que conheça a tecnica delas.

Essa colheita faz-se abrindo feridas no tronco da arvore por forma a interceptar os canais resiniferos e recolhendo a resina que escorre em pequenos vasos. E ou se faz num periodo mais ou menos longo da vida de uma arvore—«resinagem à vida» — ou apenas nos ultimos anos da sua existencia—«resinagem à morte».

Um tecnico ilustre que sobre «Noções de Silvicultura» escreveu ha pouco um livro singularmente lucido e largamente instrutivo, o sr. Horacio da Silva Eliseu, encerrou nesse livro algumas paginas, onde o ensinamento da resinagem é claramente exposto. E' aí que iremos buscar os esclarecimentos que se nos pedem, tornando, assim, possivel o serviço de divulgação que devemos prestar.

O sr. Horacio Eliseu resume as indicações praticas para fazer a resinagem

Reginagem à morte. (Processo geral)—A «resinagem à morte», tal como se pratica actualmente nos pinhais do Estado, recai nas arvores marcadas para corte, que tenham mais de 25 centimetros de diametro à altura do peito.

Pratica-se nos tres ultimos anos, fazendo-se dois andares de feridas.

As feridas teem as seguintes dimensões: largura 12 centimetros; profundidade 1 a 1,5 centimetros; altura 50 centimetros.

Entre duas feridas contiguas deve ficar um espaço—«a presa»—de, pelo menos, 10 centimetros e as do andar superior devem ficar verticalmente situadas sobre as do inferior para se fazer a circulação da seiva.

Metem-se no primeiro ano metade das feridas, que a arvore pode comportar na primeira fiada ou «rés-do-chão»; no segundo ano metem-se as restantes dessa fiada, alternando com as primeiras; no terceiro ano mete-se o numero total de feridas que a segunda fiada ou «primeiro andar» comporta, ou seja tantas quantas se abriram nos primeiros dois anos, dispostas a 10 centimetros acima das primeiras e na mesma linha vertical.

O quadro seguinte indica o numero de feridas a meter conforme o diametro das arvores:

Diametro a 1m,30	Num. de feridas 1.º ano	2.º ano	3.º ano	Total
25 a 30 centim....	1	1	2	4
35 a 40 »	2	2	4	8
45 a 55 »	3	3	6	12
60 ou mais centim.	4	4	8	16

Nos cortes culturais a uso resinar-se apenas durante o ultimo ano de vida das arvoros a abater, abrindo-se apenas as feridas que a arvore comporta no rés-do-chão, conforme indica o quadro acima para o terceiro ano de resinagem.

Antes de se iniciar a abertura das feridas, tira-se, com um machado a parte mais rugosa da casca, o que se faz com o fim de obter gema mais limpa, e em maior quantidade devido à acção mais activa do calor sobre os canais resiniferos.

E' então, que se procede á sangria, abrindo-se as incisões em forma de V muito aberto, os «piques», como dizem os resineiros, com o auxilio de um formão e de um maço.

Estas indicisões ou piques devem ter 12 centimetros de largura, 1 a 1,5 de profundidade e igual altura.

No vertice da incisão crava-se uma pequena «bica» ou calha, de zinco ou folha de Flandres, para encaminhar a gema, a qual vai correndo para dentro dum pequeno vaso ou tijela de barro — «o pucaro» — assente dum prego e seguro pela propria bica de zinco que se curva ligeiramente para baixo.

Depois desta primeira operação torna-se «avivar as feridas», isto é, cortar algumas aparas na parte superior, aumentando a sua altura de 1 a 2 centimetros, o que se faz de 8 em 8 dias, colhendo-se nessa ocasião a gema dos pucaros para dentro das latas do «resineiro», donde é vasada para os «barris» de madeira, em que se efectua o transporte.

Os avivamentos fazem-se com a «enxogoivada do resineiro», devendo este instrumento ser bem afiado para que o golpe fique bem assente, pois, doutra forma, a produção é muito diminuida pela obstrução dos canais resiniferos.

Numa ferida chama-se «painel» a face que se vai formando pelos sucessivos avivamentos, o «aparador» o ressalto inferior da ferida, em forma de V muito aberto, por onde a gema se encaminha para a bica.

Por cima desta, ou seja no vertice do aparador, faz-se um pequeno chanfro—«a ranhura» —que facilita o escorrimento da gema.

Os preparativos para a resinagem começam em meados de Fevereiro, mas os piques principiam em Março, fazendo-se os avivamentos (em numero aproximado de 30) nos meses seguintes até fim de Outubro.

Seguidamente, aproveita-se a resina que ficou agarrada á ferida, raspando-a com a enxó, de baixo para cima. A esta resina que se lança em caixas de madeira onde é conduzida, dá-se vulgarmente o nome de «raspa».

Terminada a resinagem «levanta-se a foiça», como dizem os resineiros e aproveitam-se os pregos e as bicas que servirão para o ano seguinte.

Resinagem à vida (Processo português)

A «resinagem á vida» é a que melhor convem aos particulares, que olham apenas a obter o maior rendimento das suas matas: é a indicada quando na exploração se considere a resina como produto principal.

Os seus inconvenientes são: a) o enfraquecimento das arvores, podendo tornar-se tão acentuado que torne perigoso o ataque de insectos ou de cogumelos; b) a diminuição de resistencia da base do tronco, pondo as arvores em risco de se quebrarem pela acção dos vendavais: c) o mau aproveitamento dos toros de pé cuja periferia se torna muito irregular enquanto os borreletos de cicatrização não revestirem todo o painel, e cujo lenho apresenta soluções de continuidade, depois de concluido esse revestimento.

Contra o primeiro e segundo destes inconvenientes têm os proprietarios excelentes meios de defesa. Basta praticar as feridas com pouca largura e pouca profundidade, nunca excedendo as dimensões que são adoptadas nas resinagens das Matas Nacionais.

Esta precaução indispensavel «tem ainda a vantagem de aumentar a colheita, prolongando-a por maior numero de anos».

No interesse de proprietarios e resineiros é urgente acabar com as feridas de exageradas dimensões que ainda hoje vem sendo adoptadas ou consentidas nos pinhais particulares de quasi todo o Paiz.

A profundidade superior a 1 cm. ou 1,5 cm. não aumenta—ou, pelo menos, não aumenta sensivelmente — a produção da resina. Provam-no numerosas experiencias efectuadas no estrangeiro e cuja confirmação acaba de ser eloquentemente feita no Pinhal de Leiria.

A largura superior a 12 centimetros—e chega-se por vezes a 25 centimetros, o que torna impossivel a cicatrização (!), dá, momentaneamente, uma maior quantidade de gema, mas encurta o numero de anos de resinagem para cada uma das arvores, que em breve se encontram em condições de não suportar novas feridas, com grande prejuizo de rendimente total.

Para evitar o enfraquecimento das arvores, prolongando ao mesmo tempo o periodo da resinagem, o melhor processo seria o de abrir anualmente uma unica ferida em cada pinheiro. partindo do rés-do-chão até ao terceiro andar de fiadas verticais.

Pelo que respeita ao mau aproveitamento para madeira dos toros do pé diremos que o prejuizo causado pela abertura das feridas é pequeno, relativamente ao beneficio resultante da exploração da gema.

(Processo francês) — Nos pinhais francês, onde a resina é quasi sempre considerada como produto principal, usa-se muito a «resinagem á vida», distinguindo-se do nosso, o processo de exploração, principalmente pela maneira como se abrem as feridas.

Os pinheiros começam a ser resinados pelos 25 anos, quando tenham atingido uma circunferencia de 1 metro á altura do peito, abrindo-se uma unica incisão na base do tronco, a qual se vai avivando de 8 em 8 dias, ou de 5 em 5 dias nos meses mais quentes.

Ao fim do primeiro ano, com cêrca de 40 avivamentos, a ferida apenas difere das nossas na profundidade e largura, que não vão alem de 1 e 9 centimetros, respectivamente. A diferença começa no segundo ano, pois que em vez de se abrir nova ferida, se prolonga a da campanha anterior, e assim sucessivamente, durante mais 2 ou tres anos, até que ela atinja 2,m5 a 3 ou mesmo 4 metros, de altura.

Dá-se, então, um ano de descanso á arvore inicia-se nova ferida na base do tronco, repetindo-se as operações por maneira identica ao corte final do povoamento.

Nos pinhais particulares franceses ordenados para a exploração da resina como produto principal, fazem-se as limpesas e desbastes usuais por forma que aos 20 ou 25 anõs se encontrem apenas 500 arvores por hectare.

Marca-se nesta altura um novo desbaste, resinando-se as arvores á morte durante três anos, para o que se praticam tantas feridas quantas permita o diametro dos pinheiros. Segue-se um segundo desbaste, resinado à morte durante 5 anos, e um ultimo desbaste, tambem resinado á morte durante 5 ou 6 anos, e é só então que começa a resinagem á vida nas 150 a 200 arvores restantes (180 a 240 nas matas do Estado) tal como ficou descrita nas linhas acima».

Escuta a voz da natureza, que te brada: todos os homens são iguais; todos constituem uma única familia.

Um ligeiro reparo

No antigo e velho Paço dos Condes de Barcelos procede-se presentemente a obras de demolição.

Tal e qual as vê-mos fazer, parece-nos um autentico disparate, perdõem-nos a forma de dizer.

O espaço com que contamos neste numero e ainda a hora adeantada para fecharmos o jornal não nos premite alongarmos em considerações sobre o caso. Deixamo-lo, por isso, para o proximo numero.

Os papagaios

A Direcção Geral dos Serviços Pecuarios recomendou a todos os medicos veterinarios dela dependentes uma especial vigilancia sobre os papagaios e lembra a todos os possuidores daquelas aves a conveniencia de prevenir o medico veterinario mais proximo logo que tenham suspeita de que se encontram atacados de doença.

SAPATARIA MODERNA

No sorteio de calçado que esta sapataria realisou e que teve a sua primeira extracção no sabado passado, foi sorteado o n.º 83 da serie A, que coube ao sr. chaufeur Morais.

Hoje, inicia esta sapataria tambem o sorteio da serie B.

Instrução

Pela pasta da Instrução vai ser publicado um decreto estabelecendo que, nos liceus e em cada ano escolar, haja só um periodo de exames, que começará em 1 de Julho e terminará em 31 do mesmo mês.

BELMIRO A. DE MIRANDA
CONSTRUCTOR
Obras em pedra, tijolo e cimento armado
Fornecimento de materiais

Vida agricola

Épocas da adubação

Muitas vezes, ainda hoje, devido à má época da aplicação dos adubos, se devem grandes insucessos nas culturas. Para que, de futuro, não se registem mais casos dêstes, vamos elucidar os nossos leitores das melhores épocas da adubação.

Podemos considerar duas as épocas mais apropriadas para a adubação: ou no fim do outono, antes de sobrevirem as grandes chuvas; ou na primavera, depois de passadas as chuvas hibernais, mas quando se esperarem ainda as chuvas moderadas, próprias desta estação.

Como regra geral, devemos empregar no outono os adubos orgânicos, sobretudo os que têm decomposição demorada e os adubos minerais que não são solúveis na água ou nos ácidos fracos; e na primavera os adúbos solúveis e dêstes principalmente aqueles que a terra não fixa.

Dos adubos orgânicos empregaremos no outono, por exemplo, o estrume, os matos cortados, folhagem das árvores, as algas do mar, as substâncias córneas e pilosas, as raspas de couro, os trapos de lã, os ossos, o sangue e os bagaços. No outono se empregam também os lodos, lamas, a cal, a marga, os fosfatos minerais e os adubos potássicos nos solos argilosos ou ricos em matéria orgânica que fixam a potassa com energia, para lhe facilitar a difusão.

Os adubos potássicos, nos países quentes e naqueles em que a primavera é freqüentes vezes sêca, tal como acontece entre nós, é preferível o seu emprêgo no fim do outono.

Na primavera devemos empregar os adubos salinos azotados e muito principalmente os nitratos, por serem de grande solubilidade na água e ainda por os solos, seja qual fôr a sua natureza e propriedades, não reterem os nitratos que as águas das chuvas dissolvem e arrastam. Lançados os nitratos à terra antes das grandes chuvas hibernais, pode a despesa feita com êles ficar quási completamente perdida, sendo o prejuizo muitas vezes avultado, pois são dos adubos mais caros.

E' preciso ter em consideração que a adubação com adubos de rápida assimilação se fazem mais tarde com o fim de evitar a perda dos mesmos causada pelas chuvas que, como se sabe, tendem a lavrar o terreno; mas se fôr tão retardada que não sobrevenha água suficiente, então os adubos permanecerão inertes, o que equivale a dizer que a vegetação não poderá aproveitá-los.

O azote ministrado ao terreno na forma amoniacal, é retido pela terra, mas como o amoníaco se nutrifica no solo com rapidez e no estado de nitrato é levado pelas águas, convém da mesma maneira empregar o sulfato de amoníaco na primavera, embora um pouco mais cedo, para dar tempo à nitrificação. Os adubos potássicos aplicados nas terras léves ou quási exclusivamente calcáreas, devem também empregar-se na primavera, pois que umas e outras fixam pouca potassa, a-fim-de se evitarem as perdas causadas pelas chuvas.

São igualmente adubos para serem empregados na primavera, os guanos, naturais ou artificiais, logo que sejam azotados, porque têm o azote na forma amoniacal e no estado de azote orgânico, de muito fácil descomposição.

Resumindo, podemos dizer que a época mais conveniente para fazer a adubação é indicada pela natureza do adubo. Assim, se trata de um adubo de lenta descomposição, será preciso ministrá-lo muito tempo antes de despertar a vegetação, quer dizer, durante ou no fim do outono. Desta forma, quando começarem a formar-se as primeiras raizes já o adubo se terá decomposto em parte, e pode por consequência ser assimilado pelas plantas; se, pelo contrário, se trata de um adubo de rápida assimilação, então ministrar-se há pouco antes de as plantas nascerem ou começarem o movimento da seiva no principio de Março ou nos fins dêste mês, ou poderá dar-se ainda durante a vegetação.

Barbedo Pinto

PROFESSOR

Longa pratica Inglez Francez, theorico pratico, Contabilidade e Portuguez. Rua de Baixo, frente loja Felix —Barcelinhos. Informa professor Nunes.

PINHEIROS

VENDE-SE 230 que estão marcados na «Bouça das Caes», e 200 na «Bouça do Facho», em S. Pedro de Vila Frescainha, pertencentes a Antonio A. Almeida Azevedo, desta cidade.

O proprietario recebe propostas em casa do sr. Humberto C. Coelho Gonçalves até ao dia 15 do corrente mez.

EDITAL

A CAMARA MUNICIPAL DE BARCELOS:

Torna publico que no dia 24 do corrente, ás 14 horas e na sala das sessões da Camara, entrará em arrematação para ser entregue ao menor lanço, a construção de um pavilhão interior e dois laterais na fachada voltada à Rua Barjona de Freitas, no Mercado D. Pedro V, desta cidade, com a base de licitação de 70.000$00 escudos e segundo as condições patentes na secretaria da Camara.

Barcelos e Paços do Concelho, 3 de Março de 1930.

O Presidente da Comissão Administrativa:
Baltazar José Ferraz

ANUNCIO

(1.ª publicação)

Para os devidos efeitos se anuncia que, por sentença de 28 de Janeiro ultimo, foi convertida em divorcio, a separação de pessoas e bens entre os conjuges Doutor Antonio Agostinho Morão de Campos e Dona Maria dos Prazeres Vessadas Salazar, desta cidade, ficando equiparado ao divorcio litigioso, nos termos dos art.os 46 e 47 e § § do Decreto de 3 de Dezembro de 1910.

Barcelos, 3 de Fevereiro de 1930.

O Escrivão do 3.º Oficio
Candido Cardoso

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito
Alexandre Amorim

TIPOGRAFIA

Livros de Leitura para as escolas primárias oficialmente aprovados.
Cadernos e métodos caligráficos.
Todos os objectos escolares.

Fernando

Satisfazem-se todos os pedidos feitos pelo correio.

Modicidade de preços.

ENCADERNAÇÃO

Grande e variado sortido de artigos de escritorio e papelaria.

Marinho

Execução de livros, jornais, revistas.
Impressos para o comércio, industria e repartições públicas.
Trabalhos de encadernação em todos os géneros.

PAPELARIA

TABACOS DE **A TABAQUEIRA** Os melhores do mund

Depósito geral em Barcelos **Manoel Pereira da Quinta** — Rua D. António Barroso

Desde já se aceitam sub-depositarios em todas as freguesias do concelho.—Grandes descontos aos revendedores —Brevemente novas marcas.

A Tabaqueira—marca o seu caminho pela qualidade e preço do seus produtos.

PASSAPORTES E PASSAGENS

PARA O
Brazil, America do Norte, França, Cuba, Argentina ou qualquer paiz

João de S. Pimenta
(João da Oficina)
Campo da Feira (em frente ao Senhor da Cruz)—Barcelos

SERIEDADE, ECONOMIA E RAPIDEZ

Adubos Agricolas "TRIUNFANTE"
DE—
JOSÉ FERREIRA BOTELHO
PORTO
absolutamente garantido para todas as culturas.
Agente em Barcelos
J. B. FERREIRA DIAS

Pode evitar-se o contágio da sifilis usando o profilatico—
"Hala"
Unico preservativo eficaz contra todas as doenças venéreas.
Deposito em Barcelos: Farmacia A. de FARIA
Representante geral em Portugal: José Manuel Couto de Oliveira — Galeria de Paris, —95-2.º andar—PORTO

Manuel Esteves Limitada
Campo da Republica — Barcelos
Cal branca e hidraulica, cimento, adubos quimicos, sal, e outras mercadorias.
Fabrica Ceramica de Patarro
(TELHA E TIJOLO

FARMACIA MODERNA
Antiga da Calçada
Director — *João Pacheco Leite*
Aviamento de todo o receituario clinico

JOÃO SANTANA VAZ E C.ª
Calçado feito e por medida. Concertos, sola e cabedais. Rua Barjona de Freitas, 4 a 8—(Junto áPraça).

POLYDOR
A melhor marca de gramofones e discos com gravação electrica.
Unico representante em Barcelos:
ANTONIO VELOSO
Agencia de Passagens e Passaportes.
(Em frente ao Correio Geral)

Anunciai na «Opinião»

Agência Veloso
(Em frente ao Correio Geral)
PASSAPORTES E PASSAGENS
para o BRASIL, ARGENTINA, URUGUAY, CUBA, AMERICA DO NORTE, FRANÇA, BELGICA, AFRICA, etc.

Anunciar na «Opinião» é colher êxito do reclame!

Quereis dinheiro?
Jogai no
Gama
Rua do Amparo, 51 — Lisboa
PREÇOS
Bilhetes a 170$00, meios a 85$00, quartos a 42$50, decimos a 17$00, vigessimos a 8$50, e cautelas a 4$50.
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $80 para registo.
Atende todos os pedidos da Provincia.
SEMPRE SORTES GRANDES

LIMOUZINE DE LUXO
PARA ALUGUER A PREÇOS DE QUALQUER CARRO
PROPRIETARIO
CARLOS SOUZA

Folhetim de «A Opinião» N.º 89

ARNALDO GAMA

O Sargento-Mór de Vilar

Episodios da invasão dos francezes em 1809

XII

Aquiio são obras do pai das maldades, que serve os herejes contra os amigos da santa religião. Se outra vier, é fazer-lhe em cima o sinal da cruz, e vereis que não se mexe nem mais uma linha.

Assim dizendo, desceu pela rampa abaixo, rosnando a Luiz Vasques, ao perpassar por ele:

—Não seja louco; retire em quanto é tempo.

Depois cavalgou, e dirigiu-se a galope para o centro da cidade. Meia hora depois, ele e o bispo, general em chefe, abandonavam o Porto, e atravessavam a ponte, caminho de Vila Nova de Gaia.

—Que diabo lhe disse ele, sr. Luiz Vasques?—preguntou o sargento-mor, impaciente de não ter percebido nenhuma das meias palavras, que Parreiras dissera ao moço senhor de Encourados.

—Que retirassemos em quanto era tempo—replicou Luiz Vasques.

—Isso não, por alma de meu pai! —bradou rijo o sargento-mor—Que retirem os covardes, entende? Não serei eu que envergonhe as barbas dos valentes de Belber e de Puig-Cerdá. Aqui, rapazes!—gritou, saltando para cima do parapeito—aqui, firmes! Morram os jacobinos! Fogo sobre os herejes!

Luiz Vasques seguiu-o. Não partilhava de toda a opinião de Parreiras, mas tambem não admitia absolutamente a do sargento-mor de Vilar. Desde que chegara ás linhas, reconhecera a impossibilidade de defender o Porto contra Soult; mas tambem lhe parecia desairoso que um fidalgo portuguez abandonasse o campo, entretanto que o combate fosse possivel. Seguiu pois João Peres, e com ele continuou a animar os defensores da bateria do Regado.

A's nove e meia começou a borborinhar um alarido pavoroso em toda a esquerda da linha, e a sentir-se fogo de mosqueteria deutro dela. Era evidente que os franceses a tinham rompido em alguns pontos. Nisto duas bombas, arrebentando uma após outra, no meio da turba de ordenanças, que defendia o Regado, fizeram-na recuar espavorida e quasi fugitiva, arrastando consigo o sargento e LuizVasques.

—A mim, rapazes, a mim!—bradou o velho soldado fazendo voltar para junto do parapeito a turba desordenada, e já reduzida a menos de metade em razão dos que tinham fugido.

Luiz Vasques viu então os franceses tão proximos da bateria, que em minutos estariam apegados com ela. Era a ocasião de retirar sem desaire.

—Sr. João Peres,—disse, aproveitando um empuxão, com que o entusiasmo da turba-multa atirara com o sargento-mor ao meio da plantaforma —é necessario sair daqui.

—Isso não, por alma...

—Nem mais uma palavra. Ordeno-lho em nome de Camila.

—Porém, morgado...

Luiz Vasques não replicou. Aproveitou a ocasião, em que uns poucos de milicianos se lançaram a fugir para a cidade, e empurrando para o meio deles João Peres, seguiu-os tambem a correr.

—E agora?— bradou o sargento-mor, parando já no baixo da encosta, fulo de colera e com os olhos a scintilarem.

—Faça o que eu fizer. Eu tambem já vi muitas as vezes as balas, e não me envergonho de retirar quanto é preciso. Ficar por mais tempo, é deixar-nos matar inutilmente. Os franceses estarão, em poucos minutos, dentro do parapeito. Não ouve? Em muitos pontos já de certo romperam a linha.

Assim dizendo, impeliu João Peres para a frente, e entrou, a passo acelerado, na cidade. Minutos depois saiu da bateria nm tumulto pavoroso, e muitas ordenanças apareceram a fugir desordenadamente. Apesar da coragem de um grande numero de paisanas, que resistiram peito a peito ao inimigo, este galgou enfim para dentro da bateria. Seguiu-se por alguns minutos uma luta encarniçada, corpo a corpo; mas por fim a disciplina dos soldados de Napoleão passou por cima daquela valentia desesperada, esmagando debaixo de si o punhado de homens corajosos, que a ignorancia sacrificava inutilmente.

Ao passar pelas ruas da cidade, o sargento e Luiz Vasques encontraram muitos homens a abrirem apressadamente cortaduras nas bocas das ruas. Era com o inimigo já dentro da linha, que se lembravam daquele meio de sustar temporariamente a invasão! Junto delas muitos homens de chuços protestavam energicamente haverem de morrer ali. Os dois amigos continuaram o seu caminho, desviando-se, o mais que podiam, destas turbas dementadas, que aqui e ali os obrigavam a parar, e que logo se esquociam deles. A alucinação apoderara-se de toda a gente. Já não era resultado do entusiasmo dos grandes magotes; tornara-se, por fim, individual. Aqui e acola encontrava-se um homem postado á esquina de uma rua ou á boca de um beco, esperando audazmente os franceses, calado e sem dar palavra, e deixando unicamente ver pelo brilho fulgurante dos olhos a exaltação, que não mede a grandeza dos perigos, e que dementa, até ao ponto de não conhecer que a heroicidade exagerada toma quasi sempre as aparencias da farça ridicula.

(*Continua*).